

AVENÇA

Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XII • N.º 295 • PREÇO 1\$00

A CAPELA CONTRA A NAVE

== AGORA ==

No jornal *Novidades*, aparece de vez em quando o senhor *Parochus X* com doutrina tão oportuna, que nós só temos pena de não haver aqui espaço para transcrever tudo e sempre. Não se sabe qual é o melhor artigo, de bons que todos eles são. Difícil dizer qual o mais a tempo, se todos eles tocam nas feridas do nosso tempo.

«Os que têm tudo, vão a toda a parte, fazem todos os retiros, seguem todos os cursos, assistem a todas as reuniões; que têm directores espirituais; que vão a Fátima, usam emblemas, às vezes muitos emblemas e muitas fitas e escapulários, a quem pregamos todos os sermões e práticas, enquanto nos recusamos a dar a Palavra de Deus aos famintos que, aos milhões, a pedem e suplicam aí, à beira de todos os caminhos.

Por outras palavras: é o imobilismo. Enquanto somos capazes de todos os sacrifícios, por causa destas santas almas, morrem ou vegetam sem vida cristã milhões de baptizados que dia para dia mais se afastam de nós.

O imobilismo... É a parábola às avessas: são cuidados e zelos por causa da única ovelha, enquanto as noventa e nove restantes se perdem nos labirintos deste mundo moderno. São as capelas contra a nave!

É o imobilismo apostólico e pastoral. Os outros ficam de fora—ou passamos a correr por eles, açodados pelo «zele» das ovelhas conservadas, defendidas, acauteladas dos males do mundo...

Que fazemos pelas massas de operários que nos fugiram já? Que fazemos pelas massas rurais que nos fogem todos os dias? Que fazemos de eficaz e de eficiente pela juventude atraída e desviada por tantas sereias da vida moderna? Que atenção se dá aos homens—sim, aos homens que são a musculatura da vida social e da vida católica? Quem se atira aí para as grandes Causas que nos espreitam e desafiam a cada esquina: o cinema, por exemplo?

Impõe-se uma séria e urgente revisão dos nossos métodos apostólicos, para metermos neles os outros homens, feitos de corpo e alma, com determinadas necessidades espirituais e corporais a viver em determinados e concretos ambientes, sujeitos às ideias, preocupações e aspirações do seu tempo. É também neste caminho Jesus Cristo há-de ser o nosso grande Mestre. O seu apostolado foi absolutamente concreto e profundamente humano.

O que eu me propunha era criar em mim, em nós, uma coragem, uma formidável coragem,

para nos desprendermos de certos apegos no apostolado. Sairmos da rotina dos «bonitos», e do «piedoso», e do «beato», e do cotidiano pequenino a que sacrificamos mais do que devemos sacrificar.

Eu queria que todos nós nos libertássemos até certo ponto de continuar a chover no molhado—enquanto ali e além há campos e campos onde nunca cai gota de água...

Que não nos iludíssemos com os fogachos de entusiasmo das quatro costumadas dúzias a quem fornecemos mais do que precisam ou merecem—e guardássemos as melhores energias para os... outros.

Em vez de preservarmos empataados—autenticamente empataados—com os de sempre que tantas vezes já estão mesmo intoxicados, e que por isso mesmo não marcham e não reagem—nos déssemos aos esfomeados de Verdade, de Justiça e de Amor.

As «veneráveis inutilidades»... E esses venerandos e piedosíssimos entusiasmos que nos encantam e nos demoram e nos estragam a alma e o coração? Deixá-los. Passar adiante!

A palavra de Leão XIII toma aqui novas ressonâncias: «vamos ao povo!»

Vamos aos «outros!»

O sítio aonde isto se escreve. A pessoa que o faz. Os leitores. O flagrante. Tudo. E as regiões continuam enquistadas! Só à lanceta.

Pomos hoje por guião o grupo de estudantes de Coimbra, que realizaram a queima das fitas de 54, tendo entregado uma casa ao padre Horácio. Vão aqui e abriram caminho aos seus colegas de 55. Deixem-nos passar. Agora arrumem-se, que vai uma senhora. Não sabemos se é natural de Coimbra, mas foi ali que ela fez entrega de uma casa. Bendito seja o Senhor Deus de Israel! Andei por ali tantos anos a bater de porta em porta e recebia tanto como hoje as *Criaditas*. Andei sim senhor. Uns semeiam. Outros colhem. Está ali o padre Horácio a receber dúzias de contos, mas isso não importa; tanto vale um como outro. Com um cheque de três contos, completou-se a casa M.S. Deixem passar os samaritanos! Os empregados da Companhia dos Telefones querem dar uma casa, para a qual recebemos hoje uma prestação de 1.000\$00; a segunda. Mais 100\$00. A *Casa Dinis* da cidade da Beira, vai quase no fim; temos aqui a sexta prestação de 1.500\$00. Mais 50\$00 de Lisboa. Afastem-se; vem lá outra vez uma mulher de Palmela com 100\$00 na mão. Ou ela não tem que fazer em casa ou faz da procissão sua vida; o que eu sei é que aparece muitas vezes, tendo acontecido vir acompanhada. É uma mulher de Palmela. Vão aqui 50\$ de um engenheiro. Ora leiam esta carta:

«A importância, que junto,—

Esc. 6.000\$00—é a primeira que recebo duma Sociedade de que faço parte há 12 anos e que gostosamente envio para o Património dos Pobres.

Os Pobres, bem merecem que se lhes dê a prioridade, se é o único Capital que nunca se desvaloriza...

É um senhor do Porto. Outros 50\$ para a casa dos engenheiros. Uma professora vai com a sua gratificação de 284\$70 destinada ao Património dos Pobres por amor de Deus e a bem da Nação. Uma professora! Quanto não sabe e quanto não merece ela! Mais 673\$50 dos empregados do Marques Pinto. Mais um licenciado com 50\$. Eu acho que nem licenciados nem engenheiros nem médicos, nem patrões. Nada. Ninguém. São os operários. A multidão de trabalhadores de fábricas e os bancários e os caixeiros e os amanuenses e a carrejona, e o engraxador mai-lo anónimo. Os senhores queiram-me desculpar, mas esta é a experiência que eu tenho. Se muito Coimbra, mais a tarimba. Eu sou tarimbeiro.

O da *Casa Santa Cruz* vai aqui com a segunda prestação de mil escudos. *Espero ter menos aflições quando for da terceira prestação*, diz ele na carta. Também os Afritos são construtores. E vamos recolher.

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Pacotes de roupas usadas que nos costumam enviar dos distritos de Lourenço Marques e de Manica. São uma riqueza! Mais de S. João da Madeira 50\$. Mais 200\$ do António, que é natural do Porto e vem aqui todos os meses, há mais de dois anos, sempre com a mesma letra e entusiasmo, só a quantia é que não. Essa tem aumentado! Mais 100\$ de Santarém. Outro tanto de Tomar. Da Ana e José, que vivem em Luanda um cheque de 250\$ pelos seus 25 anos de matrimónio. Mais da Beira 200\$. Mais 300\$ deixados no Banco. Mais de Paços de Brandão, de um industrial que nos oferece o artigo e diz:

«Em troca pedimos-lhe que peça a Deus que nos ilumine, nos esclareça, nos mostre e leve sempre pelo caminho que torne possível podermos continuar a garantir o pão a todos os que aí trabalham.»

Quando o patrão de uma fábrica

ca deseja garantir o pão a todos quantos nela trabalham, tem o seu garantido. Quando o patrão de uma empresa se esquece deles, perde tudo. Mais 220\$ de um anónimo. Mais 50\$ do Porto. Mais 800\$ de Dáfundo do assinante 2.481. E esta carta:

«É com grande alegria que as operárias de tecelagem velha da Fábrica dos Melinhos lhe enviam o terceiro mealheiro que durante seis meses juntaram a quantia de 1.000\$00, fazemos votos a Deus para esta chama de amor pelo próximo, se incendei por todas as repartições para que em lugar de mil pudéssemos mandar muito mais para essa tão grandiosa obra de carinho e amor pelo próximo, são estes os nossos votos sinceros. Também aqui se lê «O Gaiato». Foi por ele que nós começámos.»

A nossa obra, posta no mundo ao serviço dos pobres, tem sido até hoje alimentada por pobres e

remediados. Do Espelho da Moda, tudo quanto lá vai cá vem. Muitas encomendas postais, compostas de tudo quanto se fabrica, se usa e se come, chegadas de todos os pontos do continente português. Mais uma importância de Escariga. Mais 100\$ de Ilhavo. Mais outro tanto de Viseu, da Sofia. Mais doze lenços do bolso do José Maria de Trancoso. Maria Ferreira da Silva, Rua da Ponte Nova, Porto, sim senhor. Mais de Lisboa uma pancada de canetas de ovo. Mais de Vila Real 600\$. Mais 250\$ de Fátima. Mais 2.500\$ da cidade da Beira. Mais 100\$. Mais 20\$ do Porto. Mais 100\$ de Tomar. Mais um donativo do assinante 31.604 de Guijá. Mais 100\$ do Porto. Outro tanto de Lourenço Marques. Mais 100\$ de R. C. Lisboa. Mais 100\$ de Lourenço Marques. Mais 20 contos, do Porto. Mais do Dundo, uma pancadaria de donativos de funcionários da Companhia dos

(Continua na quarta página)

AQUI, LISBOA!

Foi já entregue a primeira casa da Cooperativa da Auto-construção. Não é sem sobressaltos que se tomam iniciativas deste vulto. Construir uma casa é privilégio de poucos operários, construir dez, é ousadia de aventureiros. A aventura foi coroada de êxito e deixou-nos a convicção de que podemos andar para a frente sem receios e, por isso, abalançamo-nos a mais quatro.

A primeira saiu do nada e temos um saldo. Ao terminar as quatro iniciadas havemos de ter saldo. Esta aritmética não se aprende nas escolas. Mal iria ao mundo se pretendesse guiar-se só pelos dez algarismos da tabuada.

O mesmo aconteceu com o Património. Também começamos aqui partindo do nada; melhor: começamos com forte oposição. Pois temos agora erguidas por administração directa 14, subsidiadas 21 e temos saldo para continuar. Matemática que os contabilistas ignoram... E digam lá os entendidos se acabou já a era dos milagres!

Nesta nova arrancada vamos começar uma casa em novos moldes, sugeridos por um dos rapazes do Lar do Porto. Foi há dias nos bastidores do Coliseu.

«Eu queria casar, diz um da ala dos namorados, mas ganho pouco. Ela também pouco recebe. Se não fosse a renda da Casa já nos remediávamos. Faça um bairro só para os Gaiatos! Nós vamos depois pagando a pouco e pouco.»

Isto não é novo, mas a nossa determinação é que é recente.

Para já vamos fazer o seguinte: os mais velhos que têm o seu pecúlio, inscrevem-se como sócios duma nova cooperativa de auto-construção. Os seus depósitos entram no plano de fomento e aplicam-se nos primeiros materiais.

A mão de obra é toda deles, pois temos já pedreiros, carpinteiros, pintores e serventes. Nós até já começamos. É tudo tão simples afinal! Quanto mais fácil não seria ao Estado e a muitas Empresas, tomar iniciativas desta natureza. Mas faltam cabeças ou liberdade de acção ou então sobejam-nos a força da inércia. Por isso andamos meio século atrasados no problema da habitação.

* * *

Mudando de disco, vamos ouvir o fundo musical desta obra. Vem primeiro o Brasil. Temos ali um embaixador. De vez em quando um aviso da Rua do Crucifixo: «um anónimo do Brasil encarrega-me de entregar uma quantia; venha por ela!» Uma vez o recado é do Uruguai, outras do Rio, mas o embaixador é o mesmo. Desta vez eram quinze notas para a Casa do engraxador. Já davam um bairro, as casas que temos recebido para o homem. A necessidade é cada vez mais premente à medida que os filhos crescem. Quem quiser saber como se instalaram num cubículo catorze filhos, é assim. Deitam-se primeiro os mais velhos e mais fortes, em cima das pernas destes colocam-se berços e canastras e, dentro delas, ajeitam-se os mais pequenos.

Em cima de tudo, ou antes, a escorar todo este peso, a dor dos pais a quem é negada a esperança dum alívio.

Das Caldas 50 para a Conf. do Lar, e o mesmo para a do Tojal; 300 e roupas e livros e um crucifixo da Rua Passos Manuel, com um pedido de sufrágios que levamos ao nosso altar. Para o mesmo fim, 20. Por intermédio da Mãe do P.º Carlos, todos os meses vem uma remessa. São assinaturas e donativos e coisas várias; e 100 e 20 e 50 etc.; 100 do Casal de S. Jorge de Arroios. Mais a 4.ª prestação de 500 para a «Casa Avilez» e a primeira de 3.011\$40 para a Casa do Pessoal da «C. Santos L.da» 1.000 de visitantes e 220 duma excursão da Ajuda; 150 do Crédito Predial; 50 no Banco e cem dos Estudantes da Capital; 1.700 na Parede; quatro e pico, na Igreja dos Anjos; 500 e 150 e 20 entregues aos vendedores às portas das igrejas. Mais visitantes, mais assinaturas, revistas tanto aqui como no Montepio Geral, pneus, um despertador, roupas e remédios e uma carrada de peças e retalhos para camisas, blusas e fatos. Nada se rejeita do que nos quiserem mandar. Até nos papeis velhos há beleza, mas neste género de ofertas (roupas e calçado) tudo é ouro sobre azul.

Outra oferta que faz delirar a malta, é a fruta que a Sociedade Exportadora do Tojal nos envia quase diariamente. Eramos vizinhos mas desconheciamos-nos mutuamente. Agora não: é às carradas. Não há como ver para crer. No Coliseu, o Octávio diz que a paixão que nutre pela mãe o levou a comprar-lhe um anel e uns brincos; à saída, uma Senhora tira um anel de brilhantes do dedo e entrega-lho. Finalmente mais 2.000 que juntos com 8.845 e alguns objectos de valor já aqui mencionados, entregam em memória de Adelaide dos Santos Simão para uma casa do Património, D. Angela dos Santos e Maria Gertrudes.

PADRE ADRIANO

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Uma carta de Lisboa diz que se sobejar algum dinheiro pedia que fosse para a Conferência — 100\$. A nossa amiga A. F. do Porto ainda espumante por via da festa de 2 de Junho no Coliseu envia 20\$. Temos uma carta do Carlos Veloso que fala das inúmeras dificuldades da Conferência do Lar do Porto e comunica que recebeu 50\$ do assinante 23.338 para os nossos pobres: como precisamos deles utilizem-se no pagamento de uma renda de casa. Que melhor destino lhes poderia dar? Uma renda de casa, uma família contente. E se não fossem os 50\$?... Dr. Américo Leão, 250\$. Assinante 17.022, 20\$. Famé Martins, de Lisboa, 150\$. Assinante 10.508, de Mouramorta, 50\$. Encontrámos como é costume, na festa do Coliseu o Sr. Juliano Ribeiro. Além do mais confiou-nos 30\$ para a Conferência. A propósito, soubemos da homenagem que lhe foi prestada por chegar a hora da merecida aposentação. Nem foi tarde nem cedo. Foi na ocasião. Graças a Deus por ainda podermos ler e sentir a sua palavra acessível, que

A Voz do Atlântico

Por
Padre Elias

Convidaram-me para o sermão da tarde do sábado do Senhor Santo Cristo dos Milagres em Ponta Delgada e eu disse que sim. Há muito que desejava encontrar-me com a população da minha Ilha para lançar o fogo do Património dos Pobres. A ocasião veio ao meu encontro e eu não a devia desprezar. Fui, e disse como soube, talvez sem oratória nem gramática, mas tive a consolação de ver lágrimas abundantes, nos olhos de muita gente e de receber duas cartas quentinhas e apaixonadas:

«Anda padre. Não tenhas medo de dizer verdades tão grandes ao mundo, ao nosso mundo podre e interesseiro.

Eu tenho também, que se o mundo anda podre e às escuras é porque o sal não salga e a luz permanece escondida debaixo do alqueire. Não faltará agora quem te chame doido e revolucionário, como ainda hoje ouviu. Esses são os comodistas, os verdadeiros revolucionários, os homens gordos que estragam a sociedade. Não tenhas medo, que o que eles pretendem é isso mesmo para continuarem a viver como quiserem e sem ninguém lhes bulir.

Pregaste o Santo Evangelho de Jesus Cristo e eu com sendo Pobre, senti-me tocado e abalado, pela maneira egosta e pouco caridosa, como tenho vivido. Porque será que aquelas verdades se não pregam mais vezes e com o mesmo desassombro? Porque será que se não fala mais naqueles problemas? Prova-se tantas vezes a existência de Deus, a imortalidade da alma, o dogma da presença real, e da virgindade de Maria; fala-se de chagas de outros séculos, refutam-se teorias erradas que já caíram. Não digo que seja desnecessário, mas nós temos chagas actuais, erros da nossa idade que pouco se tratam. O egoísmo, a brutal ansia de dinheiro, a falta de caridade, o abandono pelos mais fracos são

de verdade, os maiores erros da hora presente. Não tenhas medo que os homens de boa vontade estão contigo e os outros, se falarem, não é por não concordarem, mas sim para não se verem obrigados a pôr em prática o que ouviram.

Continua a aceitar sermões; continua a pregar aquelas verdades duras do Evangelho; continua a falar nos avarentos e nos Lázarus; continua a repreender os que passam adiante deixando os espoliados à beira do caminho; continua a fazer luz neste mundo corrompido.»

Não tinha preparado o sermão, por falta de tempo e também para que o coração falasse aos corações.

Momentos antes de me dirigir para a Igreja, bate-me à porta um Pai em apuros.

Tem mulher e cinco filhos pequenitos. Anda desempregado há 15 dias e a padeira negou-lhe o Pão dos filhos; diz que não dá mais enquanto não pagar o atrasado.

«E eu não tenho nada em casa, e não tenho quem me empreste e tenho vergonha de pedir, porque ninguém me dá, e não queria mandar os pequenos de porta em porta para os não habituar. Lembrei-me do senhor padre e venho para que me empreste vinte escudos até que possa.»

Vendo a sinceridade e as lágrimas de um Pai naquela grande tarde de festa, coloquei-lhe nas mãos uma importância maior e mandei-o embora.

Depois segui-o de longe, escondo-me nas curvas do caminho para ver o que ele fazia do dinheiro.

Vi-o entrar para o estabelecimento e sair depois com um saco nas mãos e no saco, soma de três pães de milho. Escondi-me à passagem e acompanhei-o novamente. Ao achar-se sozinho o nosso homem, descobriu-se, tirou um pão do saco, partiu-o, beijou-o e pôs-se a comer, sentado numa pedra louvando o Senhor Santo Cristo.

Dali, voltei para casa, recebi dois visitantes amigos, tomei a capa e a sobrepeliz e fui para a Igreja pregar o meu sermão.

Não podia o assunto ser outro. Este era flagrante: o Pão muito mal dividido. Vamos a fugir à doutrina do Cenáculo porque dizemos amar muito o Mestre mas acreditamos muito pouco Nele como os discípulos de Emaús. Fugimos. Não se abriram os olhos daqueles discípulos incrédulos enquanto o próprio Mestre, disfarçado, lhes foi explicando as Escrituras pelo caminho, mas sim depois de praticarem a caridade, convidando-o a entrar e repartindo o Pão. E enquanto partia o Pão, abriram-se os olhos dos discípulos e reconheceram o seu Jesus.

Assim também, quem quiser ter a inteligência do que ouve deve já ter posto em prática, alguma coisa do que tiver ouvido. O sermão duma festa, não é um número para encher programa; deve ser uma lição para os ouvintes escutarem e praticarem depois.

E firme ao propósito que fizera, passei depois ao assunto da habitação digna para os irmãos.

Não ficaram sem eco as minhas palavras. No outro dia recebia duas cartas, com mil escudos cada uma para os alicerces duma casa.

Júlio Mendes

ISTO É A CASA DO GAIATO

*** Hoje houve aqui um tribunal de rara importância, aonde foram chamados todos os «bata-tas», na presença dos médios e dos grandes, para que a aldeia fique inteirada. Quatro pontos:inhos, grilos, fruta da quinta, pedir ou aceitar de visitantes coisas de comer. Este caso, por ser o de maior perigo, já se encontra em parte remediado; aos domingos e junto aos mais gulosos, anda um vigia... Mas isto não é suficiente. A guloseima tenta. Os amigos engraçam com o menino e querem dar. Resultado? Três dias de cama a água fervida. Ora isto não pode continuar.

*** Igualmente na hora do mesmo, foi recomendado ao piquete do dia para tomar conta e fazer retirar das portas de entrada, o mendigo profissional que começa a tomar gosto e a passar recado a outros colegas. Se não vamos de encontro ao mal, dentro em breve temos aqui a invasão das feiras, com «chagas» à vista, contas no braço e mentira escondida.

*** Quem hoje entrar no escritório do senhor padre engenheiro, olhando para dentro de um armário que ali está, vê uma data de bolas fechadas à chave e muito espreitadas pelos seus antigos donos...! Foi o peditório da Queima das Fitas. O senhor padre engenheiro que, naturalmente, quando estudante e já enamorado da obra, havia de ter achado muita graça, como os mais leitores, às graças dos meninos aqui em casa, com bolas que lhes costumam oferecer; sim. Havia de ter suspirado intimamente, enquanto gozava a leitura, a hora de ver e conviver. Pois agora já sabe como é! Sabe e não tem outro remédio senão fazer o que antes se fazia. Aprender e acabou. Desta vez foi como nunca! Não houve um que não trouxesse sua bola!

Nem os vidros do andar superior da casa-mãe! Também ali chegou uma, não se sabe de quem, e partiu a vidraça. Há muito tempo que eu venho aqui rogando a todos os senhores e senhoras que não atendam o rapaz que pede a bola; mas não sei qual o encanto daquele pedir, que até hoje ninguém tem resistido, e elas aí estão.

Festa no Coliseu

Em primeiro lugar, o espaçoso salão não custou nada. Em segundo lugar, a bilheteira rendeu 35 contos. Em terceiro lugar, vem a capa com 17 o que tudo somado dá 52 contos bem medidos. S. João da Madeira, Régua, Murtoza, Famalição, Cabeceiras de Basto e com certeza muitos mais de outras terras, mas eu apenas vi destas. O resto era do Porto. E até à próxima, se Deus quiser.

*** Temos notícia da chegada do Manel Pedreiro a Lourenço Marques, ao serviço dos Construtores Civis, Bucellato & Cia. O rapaz não tem mais que dizer da alegria que o invade e da esperança de que dentro em breve chamará outros colegas da sua arte. Conta ele que logo à chegada encontrou uma família conhecida, aonde está hospedado por mil escudos mensais. Manel Pedreiro pode dar aquela quantia e ainda fica com dois mil deles na algibeira; como não há-de ficar contente? Como não desejar que outros sigam as suas pisadas,—como? Tivéssemos nós menos anos de vida e mais pessoal às ordens, que não havia de ser um nem nada; era toda a casa do gaiato de Paço de Sousa, com idade, e aptidões e tudo o mais. Vamos todos. São ali precisos milhões de brancos, afeitos ao clima desde tenra idade, para serem e passar a outras gerações a soberania de Portugal. Saudades ao Manel.

*** O nosso mui conhecido Herlander, vai embarcar para Quelimane, como Conservador do Registo Predial naquela cidade; o senhor doutor Herlander, como ali lhe vão chamar e chamavam na Comarca de Cabeceiras de Basto, de onde foi transferido. Boa viagem ao Herlander e sua esposa.

*** Um dos nossos que se encontra a trabalhar no Rio, acaba de fazer a sua pequenina remessa de dinheiro. É a segunda. A primeira foi pelas festas do Natal. Não é meu costume ir aos Bancos, nem mesmo quando estão em causa quantias de vulto. Não vou. Mas ali fui. Fui sim senhor. Entrei no Ultramarino, falei com o empregado, assinei e recebi a quantia. Tratava-se de um bocado de suor de um filho ausente. É o selo da sua gratidão. Tanto mais valioso quanto é certo que a percentagem é de dez por cento. Em cada cem rapazes que nós atuamos, há dez que conhecem e reconhecem. A base é esta. Quem procurar outros algarismos, é em vão que o faz. Daqui a nossa alegria quando um volta e agradece. Nem sequer perguntamos pelos outros. Já sabemos que não vêm. Os leprosos assim fizeram. Tudo se encontra no Evangelho! Este veio. Assim fala:

«É com grande prazer que mando a minha cota para a Casa do Gaiato, aonde estive 4 anos e que não posso esquecer.»

No Banco pediram-me um selo e que fosse por ele à Casa da Sorte. Chovia daquela chuva de Junho, que faz pão nos nossos campos. Molho-me todo. Compro o selo e com a minha saliva coloco no recibo: uma transfusão! Saio. Mais chuva. Muita chuva e muito vento. Um quase temporal. Não importa. Eu era grande. Sentia-me feliz enquanto olhava para o Rio de Janeiro...! Entro no Banco. Recebo a quantia. O vulgar torna-se distinto. Aquele dinheiro era diferente.

Dali vou a uma botica buscar remédio que Dou or Joaquim Bastos antes me receitara. Vem a conta; 85\$00. Pago. Pago daquele

mesmo dinheiro. Mais uma transfusão!

*** Amadeu Elvas vem aí. É o primeiro Zambeziano que nos vem dar notícias dos que por lá andam. Em vez de se contentar com as cartas e estar quietinho e caladinho, não senhor; no dia em que o pacote largou da Beira, aí vem um telegrama. Do mar alto, mais telegramas. O que será a chegada a Lisboa! Amadeu safu do Luabo com o propósito de regressar casado e espera-se que preencha este seu natural desejo.

Imediatamente a seguir, é o António Teles. Embarca um mês depois. Trabalham todos no mesmo escritório. Também este ninguém o atura. A gente até parece que houve aqui as pulsações e mais eles estão a quinze mil quilómetros de distância! António Teles é mais positivo do que Amadeu; casa-se por todo o mês de Agosto. Retirou daqui um Menor, deixando a sua namorada da mesma idade. Viveram sempre, seriamente, uma coisa muito séria. Nunca se separaram. Hoje vão consumir a união. Será na capela de Paço de Sousa? Eles o dirão. Não peço. Não rejeito.

Apenas estes regressem, vem o Carlos Gonçalves, outro saudoso de Portugal. Tanto que há tempos, depois de uma apendicite no hospital da Beira lança a mão ao telefone e desata a falar como se estivesse ali fora. Eu ralhei. Para quê falar de tão longe com tanto dispendio? Para escutar a vos da nossa aldeia, respondeu.

*** O Carlos Poiares era uma criança quando chegou. Vivia na quinta dos Vales, Coimbra, e descia à cidade todos os dias com o avô pela mão, mendigar. Não tardou que viesse a ficar só e desde aquela hora, foi mais um da Casa de Miranda. Quem era eu se não tivesse ido para a Obra? Pergunta ele na carta. E responde: Talvez já nem tivesse vida ou se a tivesse seria um mendigo vadio. Hoje não.



O Carlos Poiares mai-la mulher.

«Revolução» no Coliseu!...

Fomos mais uma vez ao Coliseu do Porto, cumprir a nossa promessa.

A festa para nós começou, mal entramos na caminheta. Pelo caminho adiante, uns cantavam, outros deitavam ao sabor do vento panfletos, anunciando a nossa festa e ainda outros faziam «fareló» (fazer farelo eram aqueles que enjoavam e vomitavam).

O salão estava repleto. Completamente a esbordar! Foi tudo, como a sardinha na canastra: plateia, camarotes, frizas, tribunas e galerias, tudo se encheu de público de todas as classes sociais. E os que ficaram de fora! Dava outro Coliseu.

Estou a ver que para as próximas festas teremos de ir para o estádio das Antas.

Logo na abertura do espectáculo, falou o Rev. Senhor Padre Carlos—o que leva a pesada cruz de Paço de Sousa.

Entram depois em função a companhia. *Sejaquim*, ao piano, fazendo ouvir o «Eco» a três vozes levantando uma tempestade de aplausos da assistência.

Depois foram resmungando os do refeitório, que a malta nunca está satisfeita, os do alfaiate e da rouparia, queixam-se que os «tirões» não admitem sequer uma pequenina engulha; os do campo dizem de sua justiça e com muita razão, que trabalham de sol a sol e que a enxada faz calos nas mãos; os das casas que têm de ter tudo prontinho a tempo e horas, senão trabalha a bengala dos chefes; os cicerones batem com o pé no chão dizendo que chegam ao fim do dia com as pernas num molho.

De permeio, o nosso coro orfeónico, enlevou completamente o público com as canções: Barcarola, Madrugada, Loureiro e Serraninhas.

Chegado a esta altura, o desfile das representações do Lar do Gaiato do Porto, Coimbra, casa de Miranda do Corvo, do Tojal e Lar do Gaiato de Lisboa que se saíram perfeitamente.

Estou em dizer, se lhe dêssemos asas que nos batiam o pé... O pequenino de Miranda, emperrou no meio do discurso, mas a assistência em paga e para ele não desanimar, deu-lhe uma grande salva de palmas.

Não podíamos deixar de dar realce ao quadro

vivo:—a admissão de um gaiato na casa de Paço de Sousa.

O espectáculo prossegue—o público cada vez mais interessado, mais expansivo nos seus aplausos envolveu numa atmosfera de carinhos afectos a todos os nossos irmãos.

Entrou o programa humorístico, que o público aplaudiu bastante.

Foi a primeira vez que o apresentamos.

As notas mais salientes do nosso programa foram, o Gafanhoto, pelo Manel Bucha, um monólogo feito à pressa e recitado por Manel sem nome. Já me esquecia de dizer que a nossa orquestra, composta de bombo, ferrinhos e pandeiretas, marcou e bem, presença. O «Zé Pacóvio» também não saiu muito mal.

Na segunda parte o espectáculo mantendo inalterável o seu ritmo, prosseguiu com a actuação do orfeão, um discurso do Carlos Inácio, o desfile simbólico dos distritos continentais onde existem casas do Património dos Pobres, fogo que se alastra a Portugal inteiro, mas que nem em todos os sítios provocou ainda o incêndio. Mas lá imos. Andamos de vaga pois queremos andar depressa. Para já precisamos da colaboração de todos os párocos e vicentinos, que são os que melhor conhecem e sentem as dificuldades de tantos irmãos nossos, doentes que não têm duas tábuas sequer aonde esperar a vez de entregar a alma ao Criador. Nestes casos é que tem de haver sacrifício e amparo moral, verdadeira devoção, para que estas almas não caiam em desespero.

À saída foram postas as capas dos nossos. Maiores—os padres da rua. Era uma chuva de tostões, escudos, notas de vinte, cinquenta, cem, quinhentos, mil. Foi um verdadeiro despejar de carteiras. Depois era ver gente de todas as camadas sociais toda satisfeita, risonha, por ter feito a desobriga!

Terminou assim com muito brilho, mais uma das nossas festas e a malta fica com pena de não ter pelo ano adiante mais festas desta natureza.

Os nossos sinceros cumprimentos para aqueles que assistiram e para os que ficaram de fora, pois a vontade deles era estar lá dentro. Para outra vez será.

Casa do Gaiato de Setúbal PELAS CASAS DO GAIATO

Por estes dias vai-se proceder à inauguração da Casa do Gaiato de Setúbal, que só tem o inconveniente de ficar a uns oito quilómetros da cidade, mas no mais é qualificada. O edificio propriamente dito, de grandes linhas e boas divisões, poderia facilmente conter duzentos rapazes, se a nossa experiência não nos tivesse já ensinado que mais de cem na mesma casa é um erro. Além do edificio temos uns dezasseis hectares de cultura de arroz e um bocadinho de mata e todos os anexos que dizem respeito e são precisos a uma obra da natureza da nossa. O reverendo padre José Flaúsinio, vai tomar conta, sem contudo deixar Alcácer do Sal, aonde temos um Lar de rapazes rezineiros. Munido de uma furgoneta, facilmente percorre a distância que vai de uma casa à outra. Lisboa, Porto e Coimbra, fornecem um rapaz de cada casa, para dar começo à fundação. São as *chocas* dos que vão aparecendo. E desta forma, começando por mui poucos, podemos chegar ao fim do ano com uma população de quarenta deles. Prometemos dar uma grande preferência ao Albergue Distrital da Polícia e vamos cumprir. Não podemos dizer que seremos exactos mas que temos uma grande vontade de acertar, isso sim.

A força do convite que nos foi feito, por ter vindo de tão alto, deu-nos a coragem de aceitar o encargo. Primeiramente é o falecido Senhor Arcebispo de Évora, que aceita a vocação de um sacerdote, desliga-o dos serviços da sua diocese e faz entrega dele à Obra da Rua. Em segundo lugar, temos o Governo Civil, a Câmara e a Polícia, que se deram as mãos sem discrepância e resolveram as dificuldades. E finalmente temos o Terreiro do Paço. Isto é o maior elogio que se pode fazer aos métodos e ao sistema de uma Obra. Isto significa a condenação implícita do asilo.

Cada vez é maior o número de estudiosos que vêm da América e da Europa até nós. A semana passada foi um sacerdote do Canadá e outro da Bélgica. Sabem da existência de Paço de Sousa. Trazem recado superior para observar. Alguns tem havido que se apresen-

tam acompanhados de altos funcionários do Governo. São homens dados a Obras do Rapaz Abandonado em suas províncias. Dizem-nos aqui da semelhança dos sistemas. Temos ouvido declarar humildemente a superioridade do que vêem; humildade e verdade são palavras iguais. Além destes que se apresentam, outros que não podem vir, mandam questionários e pedem relatórios. Em tudo se vê a quinta, o aglomerado de casas distintas, a soberania do rapaz, as papas de milho, o leite a correr, a ausência de adultos, a falta de secretaria numa obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes. Isto também é a condenação implícita do asilo.

Aqui há tempos, pedi licença ao porteiro e entrei em determinado asilo de uma cidade. Começo a ver. Enquanto não souberam quem eu era, tudo ia muito bem, mas apenas se descobriu, não me permitiram mais um passo; o senhor director, com as desculpas do estilo, acompanhou-me até à porta. Em uma outra cidade entrei e fui mais feliz. Só à despedida é que disse quem era. Pois bem; além de muitas ordens de serviço existentes no estabelecimento, naquela hora fez-se mais uma: *não se deixa entrar ninguém sem ordem expressa da direcção*. E aqui temos mais uma condenação.

Resumindo: A autoridade apelou para nós e não foi buscar a clássica Mesa para reger o educando de Setúbal. Os curiosos estrangeiros, que procuram fazer mais e melhor ao De-ajustado das suas terras, chegam a Portugal e procuram-nos. Mais. Se tivéssemos estatística, contaríamos por milhares, milhares e milhares o número de visitantes; e não há canto nenhum que não esteja aberto e aonde eles não possam meter o nariz. Mais ainda. Somos a Obra que menos custa ao tesouro da Nação. Obra de onde têm saído os rapazes mais afoitos. E finalmente aquela que o povo mais ama. Esta é a última e a mais importante das condenações.

Só o peso de situações criadas e interesses particulares, são capazes de continuar a obra dos Emparedados.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Os «Diários» vão publicando aqui e além a notícia de mais entregas. Este *mais* é a palavra que se encontra na ordem do dia. Mais e mais e sempre até chegar a vez da Última. Pão que chegue. Casa que baste. Salário que satisfaça. Enquanto não, não se diga que sim.

Parece que em certos sítios entrou o medo das grandes realizações e duvida-se se sim ou não se devem aceitar as casas do «Património» por via do encargo que elas representam, mas não. Em vez de «encargo», elas são o *cargo* da paróquia. Estamos chegados ao tempo em que se esperam e se desejam realizações sociais na Paróquia. O estatuto do «Património», não fica sómente na construção e entrega de casas ao Indigente, sem renda, mas também, «a todos os fins de caridade, educação, profilaxia, e assistência conexos com o fim primário». De sorte que

todas as actividades paroquiais, cabem dentro da letra, andam no espírito e podem ser reconhecidas e beneficiadas pela autoridade civil. Multiplicar é complicar desnecessariamente.

Com esta espantosa simplicidade e o zelo do pároco e o brio dos paroquianos e as necessidades tangíveis da freguesia, pode cada uma, nos seus limites, colocar o aviso: «a freguesia cuida dos seus pobres». Quem passa vê e leva para a sua. O Bem também tenta. Está chegada a hora.

Os jornais trouxeram há dias «um reforço de mais 300 contos para o Bairro do Património dos Pobres». Não é nada um reforço; é sim uma prestação do donativo de 500 contos que o Senhor Ministro das Obras Públicas nos quis oferecer. Também não se trata de «bairro». As casitas dos pobres não são localizadas, mas sim d s-

LAR DO PORTO — Conferência — Nas últimas crónicas tinha ido a lume «Quem nos acode», que não surtiu efeito, pelo volume dos donativos recebidos. Assim, apenas recebemos o seguinte:—

No Lar do Porto anónimos deixaram 50\$00, 50\$00, 10\$00 e 5\$00 o que dá 115\$00 e um assinante enviou 100\$00.

Dos nossos subscritores recebemos 1.000\$00 receita das suas quotas que mensalmente vamos receber. Assim o nosso débito baixou para 1.900\$ visto que os primeiros donativos foram para pagamento de rendas de casa.

Desta maneira continuamos em desequilíbrio e não podemos recomeçar. Queremos entretanto informar os nossos queridos leitores e amigos que temos os seguintes encargos mensais:—

20 pobres a 10\$, 20\$ e 30\$ mensais . . .	1.150\$00
Rendas de casa	220\$00
Leite para uma doente	42\$00
Total	1.412\$00

Isto, claro, fora os extras que todos os meses nos aparecem.

Para fazer face a estas despesas contamos apenas com 900\$00 provenientes da quotização mensal dos nossos subscritores sendo o resto obra das generosidades que nos chegam por intermédio de «O Gaiato».

Das confeitarias Cunha, Brasil, Martins e Mendes e ainda de uma confeitaria que faz esquina com Cedofeita e Boavista cujo dono nos atende sempre com muita simpatia, amendoas e um bolo de pão de ló que enviámos para o Pai Américo.

A todos muito e muito obrigado e que Deus lhes pague a sua generosidade.

Não esqueçam, qualquer donativo que queiram enviar podem fazê-lo para o Lar do Porto, Rua D. João IV, 682 ou para o Espelho da Moda mas com indicação de que é para Conferência do Porto

Carlos Veloso Rocha

PAÇO DE SOUSA No passado dia 27, o nosso grupo de futebol esteve de novo em acção. Defrontamos a J. de Valongo a qual vencemos por 9-3.

Os nossos adversários começam da melhor maneira, fazendo um tento nos primeiros minutos do jogo, com culpas para o Fernando Bartolo, que saiu da baliza desnecessariamente.

Fomos impondo o nosso jogo e ao intervalo já vencíamos por 4 bolas a 2. No recomeço foram de novo os nossos adversários a marcar mas o nosso grupo não se impressionou.

O jogo começou a encarecer e os golos surgiam com toda a naturalidade.

Alinhámos: Fernando Bartolo; Quim, Augusto e Presidente; Nicolau e Domingos (depois Sérgio) Semanel Corre (depois Domingos) Rui, Juvelino e Banana.

De salientar o desportivismo dos nossos adversários, que aceitaram a derrota com toda a naturalidade.

—Agora são os carros, Carros e motos de pau. E então fazem uma algazarra dos diabos!

O pior é que os carpinteiros afinam e têm razão: lá se vão os pregos e a madeira. Já andam alguns com feridas nas pernas, nos braços, esmorradas nas costas, na cara, como aconteceu ao Cândido Pereira. Ia pela aventura abaixo como que a desafiar o maior dos ciclistas. Nisto descuidou-se e vai o atrevido do cascalho, toca a meter-se com o nosso chefe... Não foi coisa de maior, só o mal de se apresentar no palco do Coliseu com uma «janela» na testa. Mas fica-lhe bem!... Isto é sol de pouca dura. Acabam-se depressa os carros. Não que elas doem... As nossas reservas de futebol voltaram a jogar. Desta vez foi com um grupo de rapazes do Porto que nos vieram visitar.

Estávamos a ver que nos iam queimar as barbas, pois na primeira parte estavam a ganhar diga-se de passagem, merecidamente, por 5-2.

Mas na segunda é que foram elas. Os nossos animaram, marcando-se contra uma bola do adversário, chegando por isso ao fim do prelúdio com os grupos empatados.

Os nossos melhores: Ferreira, Rocha, Pastelão.

—O novo livro «Viagens» em distribuição. Os pedidos de todos os lados. Por isso quem quiser viajar conosco vá marcando o seu lugar, quando não fica em terra. Tenho a certeza que a passeata lhes vai agradar. Experimente e verá!...

—Os nossos ferreiros estão todos animados, pois têm tido muitas encomendas para executar. De facto, eles merecem ser assim distinguidos, pois têm posto toda a sua alma nas encomendas de que são encarregados.

Até aqui está muito bem, mas os «tipos» querem passar a perna à Tipografia...

persas e desiguais, tal como as estrelas. Também se não trata de um assunto oficial, como alguns costumam pôr, quando recorem aos cinco contos por unidade. A «Obra da Rua» é de amadores. Nós não somos amanuenses. Só por amor. Quem não ama não a conhece, não a ajuda, não pode cooperar.

Claro que não o conseguem. Esta tem mais movimento e os rapazes não querem de maneira nenhuma ficar por baixo.

Daniel Borges da Silva

TOJAL —No passado dia 22 foi disputado no nosso campo um desafio renhido, com o Clube da Graça. Pois estes vieram cá buscar a vitória de cinco bolas a três. Este grupo veio acompanhado pelos senhores padres missionários Beneditinos e muito povo da Graça.

—Está marcado para o dia 10 uma excursão de Amora orientada pelo Sr. P.ª Paula, que esteve dois anos na nossa freguesia. São os primeiros a estrear a nossa estrada, que já está alcatroada.

—O Pedro foi um dia destes a Lisboa, buscar um Morris, já usado, que nos ofereceram. Nós damos-lhe de graça a quem nos der uma casa para um pobre. É barato são só doze contos.

Há três meses que uma camioneta anda a acarretar lenha e madeira de Lisboa para cá. Era dos armazéns de recolha de material de guerra.

Nestes três meses poupamos carvão de coque para o fogão que nos custava muitos contos. Também tem vindo madeira muito boa para as casas dos pobres. Nós estamos muito agradecidos aos Senhores do Exército.

—Andam agora por aí muitas cabeças partidas. A malta assim que viu descarregar madeira à beira dum tanque seco, pôs-se logo a fazer baloiços com as tábuas. Põem a tábua em cima da borda, depois um de cada lado, assim começa o recreio e assim acaba. São mais de 50 em volta do tanque, uns para baixo outros para cima. Bem podem chover gatos para as cabeças partidas.

Joaquim A. Gouveia Marques

S. MIGUEL-AÇORES —Hoje dia primeiro de Junho, foi cá em casa a festa do aniversário da ordenação sacerdotal do Sr. P.ª Elias.

Trabalhamos e fomos para a escola como de costume, porque o Sr. P.ª Elias diz que não quer festas. Assistimos à Missa para agradecermos a Deus, a graça de nos ter dado um sacerdote para Pai e pedirmos bênçãos e Luz para todos nós e força para o Sr. P.ª Elias nos aturar como sempre.

Ao jantar houve melhoria de arroz doce e vinho.

—Andaram por cá as bexigas loucas e o sarampo e foram vários os atingidos.

O nosso Zeca andou bastante atrapalhado chegando mesmo a inspirar sérios cuidados, mas felizmente tudo passou.

Também eu fui atingido pelo sarampo e bastante me custou, pois foi mesmo nas festas do Senhor Santo Cristo, as festas da cidade.

—Alguns dos nossos, os que não estão na escola, andamos agora em Monte Alegre, na colheita e fabrico do chá. Já vendemos mais de cem quilos e teremos mais uns quinhentos para vender.

O Sr. P.ª Elias quer mandar a cada uma das Casas do Continente, um pacote do nosso chá, para que os nossos irmãos, do outro lado do Atlântico, o provejam.

—O nosso Nateiro está em debandada por isso mesmo suspendemos as nossas visitas aos pobres. Esperamos agora o nosso estabelecimento na nova casa das capelas para continuarmos. Parece-me que vamos trabalhar na Pesqueira, bairro piscatório das Capelas.

—Logo que terminem os nossos exames mudamos para Monte Alegre.

A vida cá em baixo, sem Trabalho, torna-se muito aborrecida e perigosa.

Vale-nos a furgoneta que o Pai Américo nos enviou, que resolverá uma grande parte das nossas dificuldades.

Angelo Manuel

Do que nós necessitamos

Continuação do primeiro página

Diamantes. Po: muitos deles que nos conhecem e nos amam, estou em dizer que a coisa mais importante de lá, não é a Companhia; é a casa do gaiato. Mais 400\$ de Vila Luso. Mais 50\$ do assinante 21.454. E mais nada.

Os senhores não se escandalizem de ver tanto dinheiro, há tantos anos a esta parte, e se viverem, hão-de ver muito mais! Não se escandalizem. Quem tem a felicidade de já conhecer e andar pelos caminhos de Deus, compreende e alegra-se. Os afastados, meditem e sigam. Escandalizar-se é revelar fraquezas.